

BERNARDO SASSETTI EM ENTREVISTA A JOANA VELHINHO

“ A banda sonora pode ser tão essencial quanto inútil.”

1- Considera a banda sonora essencial ao cinema? Porquê?

(Bernardo Sasseti): Existem dois tipos de banda sonora: aquela feita com base em sons ambiente e a banda sonora musical. Quanto à última, não, não acho essencial. Eu tenho uma visão mais europeia em relação a isso. Acho que as bandas sonoras dos filmes, nomeadamente no cinema americano, são sobre-usadas com fins comerciais e emotivo – sobretudo comerciais – e isso é uma coisa que me desagrada imenso. Penso que a música deve ter uma importância fulcral em determinados momentos da história de forma a ajudar-nos a perceber a mesma – se tal for necessário. Não acho que seja essencial, e sobretudo não como quantidade mas sim como qualidade. E sim, é essencial (risos).

2- É sabido que a banda sonora, com o passar dos tempos e com o enorme desenvolvimento da indústria cinematográfica, foi considerada por muitos como uma estratégia de marketing. Partilha desta opinião como compositor e como espectador de cinema?

(BS): Eu acho que sim e que é sobretudo uma abordagem musical com base numa fórmula. Existe uma fórmula académica que resulta e os americanos precisam disso, são um povo que precisa das coisas muito bem explicadinhas, se não no início ou meio da história, no fim. E para que esteja tudo bem explicado é muitas vezes a música que o ajuda. Em contrapartida, no cinema europeu a música assume um papel muito mais essencial.

3- É do conhecimento geral que a sua participação no cinema através de Bandas Sonoras não se limitou às fronteiras nacionais, o seu início foi até no cinema estrangeiro. Sentiu diferenças na elaboração da banda sonora entre Portugal e o estrangeiro?

(BS): Na participação no filme “O Talentoso Mr. Ripley”, se bem que o compositor (Gabriel Yared) fosse extremamente versátil e de um talento enorme a compor, o que aconteceu foi que se tratava de uma produção americana, portanto existe sempre este lado da construção com base na fórmula - se bem que neste caso a abordagem tenha sido um pouco diferente porque o realizador, Anthony Minghella, é inglês. Existe quase que uma tradição a escrever bandas sonoras e é como, por exemplo, o caso do compositor americano John Williams, em que a música está sempre presente, imposta pela força da necessidade. Está presente nos momentos de transição e nos momentos de diálogo; acho que a música perde o seu lado essencial.

Em Portugal, o cinema é um cinema de autor, em que as pessoas, sobretudo o realizador – o produtor raramente mete o “bedelho” – preocupa-se muito com os espaços de cada elemento artístico. Eu tive essa experiência com o Fernando Lopes que na banda sonora para o “98 Octanas”. Ele (Fernando Lopes) disse-me: “Quero música para esta cena, para aquela cena e para a cena final.” Eu fui para estúdio sem ele nunca ter ouvido a música, cheguei a Lisboa e entreguei-lhe dois cds. Depois de os ouvir ligou-me em estado de graça e disse: “Eu quero usar isto tudo!” Portanto aí eu acho que a coisa mudou, as pessoas são abordadas para escrever música para determinadas cenas, mas eu não gosto de fazer isso. Gosto de criar uma unidade ao longo do filme e expliquei isso ao Fernando Lopes numa carta que lhe enviei, queria que a música tivesse um espaço

fundamental no filme – porque era um Road Movie – e que existisse uma continuidade. E a unidade de que falo foi essencial, nomeadamente no “Alice” de Marco Martins.

4- Considera fácil ou difícil compor para um filme, visto que já tem delimitadas algumas barreiras?

(BS): Acho que é uma questão de prática. Agora já não considero difícil. E o que considero mais difícil é a procura do tema principal e da sonoridade que quero emprestar à música de determinados filmes. Isso sim é difícil.

5- Muitos críticos consideram a banda sonora de “Alice” algo de extraordinário e dizem ainda que esta tem que estar indubitavelmente ligada a este filme, porque nenhuma composição compreenderia tão bem o filme. Como explica esta coesão tão forte e visível ao público?

(BS): Eu acho que isso é uma questão de generosidade. Aquele filme vive e sobrevive sem aquela banda sonora desde o princípio até ao fim. Tem uma carga dramática extraordinária. Por acaso tive a sorte de ter encontrado o tema apropriado, sobre isso não tenho muitas dúvidas. Acho que, pela primeira vez na minha carreira, descobri o tema que era ouro sobre azul. Mas acho que o filme podia viver sem a banda sonora musical.

6- “Alice” está dividido em três partes. Porquê este emparcelamento das faixas?

(BS): Também pela primeira vez descobri o que é escrever uma banda sonora. Todos os filmes estão divididos em três fases, e eu quis, na sequência sonora, fazer exactamente a mesma coisa. Se repararem no disco, o tema principal só aparece na 8ª faixa, até lá são sons que têm muito mais a ver com o confronto entre o interior de um pai que perdeu a filha e os sons violentos da cidade de Lisboa. Acho que dividi a banda sonora em três capítulos porque quis acompanhar o filme do início até ao fim da gravação.

7- Se pudesse escolher um filme do qual gostaria de ter realizado a banda sonora, qual seria?

(BS): “Noite Escura”. Acho que é um filme fantástico e do melhor que se fez na Europa, no mundo do cinema. E a música... bem, estou a ser um pouco injusto, mas eu gostava de ter sido o Alexandre Soares. Penso que ele fez um trabalho excepcional de composição. A música original do “Noite Escura” é ideal, mas gostava de ter sido eu o compositor... (risos)

Acho que o realizador (João Canijo) não é muito amigo de compositores, imagino eu... e faz ele muito bem (risos). O Stanley Kubrick – meu realizador americano de eleição – também não era muito amigo de compositores.

8- Como se processa o trabalho de composição musical para um filme? Parte do guião, tem em conta as imagens, a montagem final?

(BS): Para mim, a leitura do guião é perda de tempo, porque nos filmes de autor o final geralmente não corresponde ao guião e o que acontece é que eu preciso de ver os olhos dos actores para começar o processo de composição da música. A música de um filme tem o seguinte papel: para além de complementar a imagem com elementos que estão presentes nas imagens ou no subtexto, a música deve acompanhar as personagens desde o seu interior, tentar perceber o que nos dizem aquelas pessoas sobre as quais incidem as histórias. No meu entender, esse é o papel fundamental da música para cinema.

9- Existe para o compositor alguma preocupação com as circunstâncias especiais de audição, diferentes de um concerto, da audição em casa...

Claro. Eu tenho muita dificuldade em ouvir música sem que o espírito analítico não venha ao de cima, portanto é um grande obstáculo não me conseguir abstrair nem da forma nem da técnica. Principalmente, não me consigo abstrair das emoções que me transmitem determinadas músicas, como pessoa que também se dedica a escrever música – dido isto, porque não me considero compositor com C grande, acho até que este termo é demasiado utilizado nos dias de hoje. Para mim, compositores são Mozart, Bach, Stravinsky, entre muitos outros. Eu escrevo música, o que é muito diferente. Enfim, para quem escreve música é muito complicado essa abstracção. Por vezes, dou comigo no cinema a ouvir apenas a banda sonora – o que me afasta da história do filme.